

Luiza Crosman

LAURA COSENDEY: Como as diferentes frentes do projeto *TRAMA* se relacionam, e como se complementam, enquanto práticas instituintes?

LUIZA CROSMAN: Vou partir da imagem da trama, que já configura uma relação: práticas que vêm de diferentes direções, possibilidades especulativas que podem ou não ter continuidade e que, em algum momento, se entrelaçam, e depois seguem suas próprias direções. Uma peça sonora conta a história da construção de uma infraestrutura espacial. Criptomoedas são mineradas com energia solar. Uma bienal se transforma em um agente editorial para a tradução de textos teóricos. Desenhos e diagramas propõem diferentes dimensões de informação espacial e uma instalação de arte age como um feitiço. O *TRAMA* pensa práticas que são instituintes, mas não precisam permanecer atadas. E aí entram as colaborações com o Negalê Jones, o Pedro Moraes e a Zazie Edições.

Uma das operações que estou propondo à Bienal é a ideia de ela tornar-se um agente editorial que viabiliza traduções de outros idiomas para o português, e vice-versa. Em vez de criar uma editora do zero, acessar uma rede de editoras menores que já fazem isso, como a Zazie Edições. Estender a missão da Bienal de trazer a arte contemporânea internacional a São Paulo para o campo de produção teórico-crítico da arte.

Outro exemplo é a colaboração com o Pedro Moraes. Ao instalar uma mineradora de criptomoedas alimentada por placas solares, o Banco Central do Sol cria uma imaginação política em termos de recurso e redistribuição. Com um sistema operacional que modifica inclusive a infraestrutura física do prédio da Bienal, estamos modificando a concepção do que é um objeto de arte: pode ser a criação de um protocolo, de uma metodologia, ou uma mudança infraestrutural em uma instituição. Ou seja, ter um caráter, de fato, administrativo.

A peça sonora que estou produzindo com Negalê Jones parte da ideia de tempo expandido; pensa o prédio da Bienal, o parque e as plantas, toda essa vida em volta, que tem uma escala muito diferente da vida humana. Uma ideia de arquivo que não está centralizada na experiência humana, mas em coisas que têm uma vida de centenas de anos, que vem desde o futuro e pergunta: como o ambiente em volta transforma nossos arquivos?

LAURA COSENDEY: How are the different fronts the *TRAMA* interrelated, and how do they complement one another, as institutive practices?

LUIZA CROSMAN: I'll start from this image of a *trama* [Portuguese word corresponding to both "plot" and "thread"] because it already configures a relation: practices that come from different directions, speculative possibilities that may or may not have continuity, which at some moment are interlinked and later follow their own directions. A sound piece that tells the story of bioengineered autonomous birds collaborate with humans in the construction of a large-scale infrastructure. Ethereum cryptocurrency is mined through solar energy. A biennial turns into an editorial agent for translation of theoretical texts. Drawings and diagrams propose different dimensions of spatial information. An art installation acts as a spell. The project *TRAMA* considers practices that are institutive, but they do not need to remain fixed. This is the starting point for the collaborations with Negalê Jones, Pedro Moraes and Zazie Edições.

One of the operations that I am proposing for the Bienal is the idea of it becoming a publishing agent that allows for translation of other languages into Portuguese, and vice versa. Instead of creating a publishing house from scratch, accessing a network of smaller publishing houses that already do this, like Zazie Edições. Extending, with this, the Bienal's mission to bringing international contemporary art to São Paulo for the field of the theoretic-critical production of art.

Another example is the collaboration with Pedro Moraes. By installing a cryptocurrency mining operation powered by solar panels, the Banco Central do Sol creates a political imagination in terms of resource and redistribution. With an operational system that even modifies the physical infrastructure of the Bienal's building, we are modifying the conception of what an art object is: it can be the creation of a protocol, a methodology, or an infrastructural change in an institution. That is, it can have an administrative character.

The sound piece that I am producing with Negalê Jones is based on the idea of expanded time; it considers the Bienal building, the park and the vegetation, all of this life all around, that has a very different scale from that of human life. It is an idea of the archive that is not centralized in human experience, but in things that have a life of hun-

E por que usar o espaço expositivo como instrumento de mediação dessas práticas e possibilidades?

É importante haver uma situação na qual a trama possa acontecer e se relacionar com o público. Agir como uma instalação de arte e, ao mesmo tempo, agir como uma proposição estratégica pública.

Como seu trabalho, que vem se realizando em instituições ou espaços menores, se ajusta, ou se recalibra, para uma escala como a de uma bienal?

Um aspecto importante de calibrar a ideia de escala é entender efeitos que vão além da própria instituição. Ou seja, efeitos que podem chegar ao contexto, à cidade, à legislação, à economia. É quase como se a pergunta de escala se relacionasse com a pergunta sobre como instrumentalizar uma instituição para conseguir efeitos na megaestrutura cultural. Colaboração, aqui, não envolve apenas a reunião de uma série de pessoas em um projeto. É uma operação de maximização de efeitos para dar conta de uma questão de escala.

Uma bienal pode instituir práticas que têm tamanho, mas não necessariamente escala; enquanto práticas de espaços menores podem não ter tamanho, mas vir a adquirir escala. Ou seja, podem produzir efeitos para além delas mesmas, que não se encerram no espaço expositivo. Dito isso, um dos objetivos era justamente recalibrar a escala da Bienal para uma potência que ela poderia ter, como a de ser uma ferramenta de imaginação política de operações institucionais. Interessa-me entender que já existem esforços nesse sentido, e redistribuir os recursos da Bienal para determinadas iniciativas externas a ela. Ou seja, agir como uma proposição especulativa e estratégica para a Fundação Bienal, por meio da 33ª Bienal de São Paulo.

TRAMA é uma narrativa distribuída em dinâmicas institucionais, uma colaboração que passa por várias camadas no mundo da arte, entre artistas, arquitetos, editores, advogados, produtores etc. É, de certa forma, uma dissolução da figura ou da ideia do/a artista que age sozinho/a, ou que impulsiona, sozinho/a, uma transformação no mundo.

dreds of years; an idea that comes from the future and asks: how does the surrounding environment transform our archives?

And why use the exhibition space as an instrument for the mediation of these practices and possibilities? It is important to have a situation in which the *trama* can take place and be related with the public. Acting as an art installation and, at the same time, acting as a strategic public proposition.

How does your work, which has been taking place in institutions or smaller spaces, need to be adjusted, or recalibrated, for a scale like that of an art biennial? An important aspect of calibrating the idea of scale is to understand facts that go beyond the institution itself. That is, effects that can reach the context, the city, the legislation, the economy. It is almost as if the question of scale was related with the question of how to instrumentalize an institution to achieve effects in the cultural megastructure. The idea of collaboration enters here not only as the linking of a series of people in a project, but as a maximization of effects to tackle a question of scale. A biennial can institute practices that have size, but not necessarily have scale; while practices of smaller spaces may not have a size and yet they can acquire scale. In other words, they produce effects beyond themselves or which are not enclosed within the exhibition space. This said, one of the goals was precisely to recalibrate the scale of the Bienal for a potential that it could have, for example that of being a political imagination tool for institutional operations. What interests me is to understand that there are already efforts in this sense, and to distribute the Bienal's resources to determined initiatives external to the Bienal. It is a speculative and strategic proposition to the Fundação Bienal de São Paulo through the 33rd Bienal de São Paulo exhibition.

TRAMA is a distributed narrative on institutional dynamics. A collaboration that involves various layers of the art world, including artists, architects and editors, as well as lawyers and producers, and so on. So in a certain way it is a breakup with the figure or the idea of an artist who acts by him or herself or who single-handedly brings about a transformation in the world.